

## PERFIL SOCIODEMOGRÁFICO DE ADOLESCENTES COM GRAVIDEZ PRECOCE QUE EVADIRAM DA ESCOLA: ESTUDO LONGITUDINAL

**ISABELA DOS SANTOS KRÖNING<sup>1</sup>; MAGDA FLORIANA DAMIANI<sup>2</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – isabelakroning@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – flodamiani@gmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho visa traçar o perfil sociodemográfico de um grupo de adolescentes<sup>1</sup> que engravidaram precocemente (antes dos 15 anos) e que, nessa idade, já não frequentavam a escola. Elas participam de uma pesquisa ampla, iniciada no Centro de Pesquisas Epidemiológicas da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pelotas (UFPel): Coorte<sup>2</sup> de Nascimentos de 1993, Pelotas (RS). A pesquisa acompanha todas as crianças nascidas nos hospitais dessa cidade, nesse ano, enfocando diferentes aspectos de suas vidas, ao longo do tempo. Este trabalho integra o subprojeto denominado “Fatores associados à escolarização de adultos, jovens e crianças da cidade de Pelotas: análise de dados dos estudos longitudinais dos nascidos em 1982, 1993 e 2004”, coordenado pela Faculdade de Educação/UFPel.

A gravidez, além de ser um fenômeno biológico, é influenciada por dimensões sociais, culturais, históricas e afetivas (PAIM, 1998). Quando acontece durante a adolescência, especialmente no seu início, reforça a vulnerabilidade dessa fase da vida, já tão marcada por dificuldades.

As pesquisas de ALMEIDA & AQUINO (2011) e GIGANTE et al (2008) indicam que a gravidez na adolescência é mais frequente nas jovens que apresentam baixo desempenho escolar e são pertencentes a famílias de baixo nível socioeconômico e baixa escolaridade. Outros pontos ressaltados são o histórico de abandono escolar anterior à gravidez (ALMEIDA & AQUINO, 2011; AQUINO, 2003) e as poucas expectativas das adolescentes que engravidam quanto ao seu futuro (NERY et al, 2011). Como possíveis impactos causados por uma gravidez precoce, o estudo de NERY et al (2011) sugere a perpetuação da pobreza, a diminuição das perspectivas de futuro e a restrição das oportunidades de trabalho e crescimento profissional. O abandono da escola também aparece como uma das principais consequências da gravidez na adolescência (ALMEIDA & AQUINO, 2011; AQUINO et al, 2003).

Nas classes populares, há uma maior proporção de jovens que efetivamente desejam e/ou planejam a gestação, pois elas apresentam baixas expectativas quanto ao seu futuro (OLIVEIRA, 2008), sendo a gravidez um possível meio de obtenção do *status* de adulto (SABROZA et al, 2004).

De acordo com o Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA, 2013), aproximadamente 19% das jovens, dos países em desenvolvimento, engravidam antes dos 18 anos. As meninas com menos de 15 anos são responsáveis por 2 milhões dos 7,3 milhões de gravidezes na adolescência, nesses países. De acordo

<sup>1</sup> Segundo a Organização Mundial da Saúde (WHO, 2014), adolescência é o período da vida demarcado entre os 10 e 19 anos de idade.

<sup>2</sup> A palavra coorte denomina um “grupo de pessoas que têm alguma característica em comum, constituindo uma amostra a ser acompanhada por certo período de tempo, para se observar e analisar o que acontece com elas”(GIL, 2010, p. 33-34).

com o Censo Demográfico 2000 (IBGE, 2002), houve uma queda na idade média de fecundidade no Brasil – de 27,2 em 1991, passando a 26,3, em 2000. No Rio Grande do Sul (RS), os dados são semelhantes (27,3, em 1991, e 27,1, em 2000). Entretanto, a contribuição da fecundidade das mulheres de 15 a 19 anos para a taxa de fecundidade total tem aumentado: no Brasil, passou de 9,1% em 1980 a 19,4% em 2000 e no RS, de 10,1% em 1980 a 18,1% em 2000 (IBGE, 2015). Em Pelotas, os partos de adolescentes passaram de 15,4% do total, em 1982, para 18,3% em 2004 (GIGANTE et al, 2008).

## 2. METODOLOGIA

Os dados deste trabalho têm origem em questionários com perguntas fechadas, aplicados no hospital (em 1993, ao nascer), nas residências dos participantes (em 2004, aos 11 anos) e no próprio Centro de Pesquisas Epidemiológicas (em 2008, aos 15 anos). Os questionários de 2004 e 2008 foram respondidos pela adolescente e/ou por sua mãe/responsável. Os dados foram analisados por meio do SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 16.0. As perguntas utilizadas para seleção das adolescentes foram: “Estudou em 2007?” e, em caso negativo, “Por que parou de estudar?”, ambas do questionário de 2008.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 4.348 adolescentes encontrados, 2.172 eram meninas. Destas, 46 (2,1%) não estudaram em 2007 e 7 (0,3%) abandonaram a escola por gravidez. Não há informação sobre a idade em que as adolescentes engravidaram, mas sabe-se que isso ocorreu antes dos 15 anos. A Tabela 1 apresenta as características sociodemográficas dessas 7 adolescentes e de suas famílias.

De acordo com a Tabela 1, as adolescentes eram, em sua maioria, provenientes de famílias em que: a) o pai não morava na mesma residência que elas; b) a mãe era a chefe de família; c) a escolaridade do chefe não ultrapassava o ensino fundamental; d) o índice de bens não ultrapassava o terceiro quintil<sup>3</sup>; e) as mães também tiveram sua primeira gravidez na adolescência, entre 17 e 18 anos. Estes dados mostram que as características das adolescentes que engravidaram antes dos 15 anos, são semelhantes às encontradas por GIGANTE et al (2004), referentes às que engravidaram antes dos 19 anos, na Coorte de Nascimentos de 1982 (Pelotas). Pode-se inferir uma tendência à reprodução das trajetórias familiares, pelas 7 adolescentes deste estudo. Elas iniciaram a escolarização na idade adequada (entre 6 e 7 anos), mas, aos 11 anos, 4 delas já haviam repetido o ano 1 ou 2 vezes. Já aos 15 anos, apenas uma delas nunca havia sido reprovada. As 3 adolescentes que avançaram mais em sua escolaridade foram até a 6<sup>a</sup> série, seguidas por 2 que conseguiram completar a 5<sup>a</sup>, uma que completou a 4<sup>a</sup> e outra que chegou apenas até a 3<sup>a</sup> série. Esses dados corroboram os achados de ALMEIDA & AQUINO (2011) mostrando que as evadidas por motivo de gravidez já

<sup>3</sup> Quintil é a divisão de uma amostra em cinco grupos de iguais proporções (20%) ordenados de menor a maior, ou seja, do primeiro ao quinto quintil (MASSAD et al, 2004). Neste trabalho, o quintil 1 correspondia ao grupo de menor nível socioeconômico.

tinham uma trajetória marcada por reprovações e evasão desde cedo. Este estudo avançou no sentido de mostrar tal trajetória longitudinalmente.

**Tabela 1: Frequência das variáveis sociodemográficas referentes às adolescentes e suas famílias - Coorte de Nascimentos de Pelotas, 1993.**

		CARACTERÍSTICAS	FREQUÊNCIA
Características familiares	Pai biológico mora em casa**	Sim	1
		Não	6
	Chefe da família***	Mãe	6
		Pai ou outro	1
	Escolaridade do chefe da família (anos)**	0-4	3
		5-8	4
Características das adolescentes	Índice de bens (quintis)***	1	3
		2	1
		3	3
	Idade da primeira gravidez da mãe da adolescente*	17	3
		18	3
		20	1
	Última série que completou (15 anos)***	3 <sup>a</sup>	1
		4 <sup>a</sup>	1
		5 <sup>a</sup>	2
		6 <sup>a</sup>	3
	Repetiu de ano alguma vez? (11 anos)**	Uma vez	2
		Duas vezes	2
		Nunca	3
	Repetiu de ano alguma vez? (15 anos)***	Uma vez	2
		Duas vezes	2
		Três vezes	2
		Nunca	1

\* Variáveis coletadas em 1993

\*\* Variáveis coletadas em 2004

\*\*\* Variáveis coletadas em 2008.

#### 4. CONCLUSÕES

As adolescentes que participaram desta pesquisa apresentavam trajetórias escolares e condições sociodemográficas que as fizeram mais suscetíveis a engravidar precocemente e, consequentemente, evadir da escola, confirmando o que foi descrito na literatura. A evasão é um grave problema porque pode comprometer as possibilidades de formação e profissionalização futuras, levando à perda dos benefícios e das possibilidades de ascensão social que a escolarização ofereceria; rompendo o ciclo de predeterminações socioeconômicas e culturais a que estão submetidas. Por isso, medidas devem ser tomadas no sentido de manter as crianças na escola, oportunizando não só educação e formação profissional, mas também promovendo ações que lhes permitam ter acesso a outras perspectivas de vida para além das que estão inseridas. O foco deve ser o de evitar o fracasso e a evasão escolar, visto que, esses dois fenômenos podem abrir portas para caminhos ainda mais difíceis, como a gravidez precoce.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M.C.C. & AQUINO, E.M.L. Adolescent pregnancy and completion of basic education: a study of young people in three state capital cities in Brazil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.27, n.12, p.2386-2400, 2011.

AQUINO, E.M.L.; HEILBORN, M.L.; KNAUTH, D.; BOZON, M.; ALMEIDA, M.C.; ARAÚJO, J.; MENEZES, G. Adolescência e reprodução no Brasil: a heterogeneidade dos perfis sociais. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.19, suppl.2, p.S377-S388, 2003.

GIGANTE, D.P.; BARROS, F.C.; VELEDAL, R.; GONÇALVES, H.; HORTA, B.L.; VICTORA, C.G. Maternidade e paternidade na coorte de nascimentos de 1982 a 2004-5, Pelotas, RS. **Rev. Saúde Pública**, v.42, suppl.2, p.42-50, 2008

GIGANTE, D.P.; VICTORA, C.G.; GONÇALVES, H.; LIMA, R.C.; BARROS, F.C.; RASMUSSEN, K.M. Risk factors for childbearing during adolescence in a population-based birth cohort in southern Brazil. **Rev. Panam. Salud Pública**, v.16, n.1, p.1-10, 2004.

IBGE. Censo Demográfico 2000. **Resultados Preliminares da Amostra**, 2002. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/20122002censo.shtml>>. Acesso em: julho de 2015.

IBGE TEEN. **Fecundidade, natalidade e mortalidade**, 2015. Disponível em: <<http://teen.ibge.gov.br/pt/biblioteca/274-teen/mao-na-roda/1726-fecundidade-natalidade-e-mortalidade>>. Acesso em: julho de 2015.

MASSAD, E.; MENEZES R.X.; SILVEIRA, P.S.P.; ORTEGA, N.R.S. **Métodos Quantitativos em Medicina**. Manole, 2004.

NERY, I.S.; MENDONÇA, R.C.M; GOMES, I.S.; FERNANDES, A.C.N; OLIVEIRA, D.C. Reincidência da gravidez em adolescentes de Teresina, PI, Brasil. **Rev. Bras. Enferm.** Brasília, v.64, n.1, p. 31-37, 2011.

OLIVEIRA, R.C. Adolescência, Gravidez e Maternidade: a percepção de si e a relação com o trabalho. **Saúde Soc.** São Paulo, v.17, n.4, p.93-102, 2008.

GIL, A.C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 5<sup>a</sup>. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PAIM, H.H.S. Marcas no corpo: gravidez e maternidade em grupos populares. In: DUARTE, L.F.D. (org.). **Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1998. Cap.1, p.31-47.

SABROZA, A.R.; LEAL, M.C.; SOUZA JR, P.R.; GAMA, S.G.N. Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do Município do Rio de Janeiro (1999-2001). **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.20, suppl.1, p.S130-S137, 2004.

UNFPA. State of World Population, 2013: **Motherhood in Childhood - Facing the challenge of adolescent pregnancy**. New York: UNFPA, 2013. 116p.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Health for the World's Adolescents – A second chance in the second decade**. Disponível em: <<http://apps.who.int/adolescent/second-decade/section2/page1/recognizing-adolescence.html>>. Acesso em: julho de 2015.